

# Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações<sup>1</sup>

*Gender issues and the situation of returning to Brazil from Japan: some considerations*

**Ana Luisa Campanha Nakamoto**

Universidade de São Paulo  
analuisacn@yahoo.com.br

## Resumo

A perspectiva de 'gênero' trouxe significativas contribuições para os estudos migratórios, mas permanece como um recurso analítico pouco utilizado nas pesquisas sobre migração brasileira para o Japão. Neste sentido, o presente artigo procura analisar de que maneira esta categoria, aplicada à análise do circuito migratório em questão, permite vislumbrar as diferentes estratégias para lidar com o deslocamento – tanto em sua dimensão espacial, como social – em particular na situação de retorno ao Brasil.

Palavras – chave: Migração; retorno; gênero; trabalho.

## Abstract

The 'gender' perspective has brought significant contributions to migration studies, but remains as an analytical tool not widely used in researches on Brazilian migration to Japan. In this sense, this article attempts to analyze how this category, applied to the analysis of this migration circuit, gives us a glimpse of the different strategies used to cope with the shift — both in its spatial and social dimensions — particularly in the situation of returning to Brazil.

Keywords: Migration; return; gender; labor.



## Introdução: Gênero e Migrações, o Campo

As migrações internacionais contemporâneas têm sido objeto de um conjunto crescente de trabalhos no campo das ciências sociais. A *World Economic and Social Survey* realizada pela ONU em 2004<sup>2</sup> indica que cerca de 175 milhões de pessoas vivem fora do país onde nasceram, o que corresponde a 2,9% da população mundial. Na ausência de dados estatísticos, a presença crescente de migrantes pode ser constatada na vida diária nos centros urbanos: na paisagem das cidades, ambulantes nas ruas, transeuntes, altos executivos em sedes de multinacionais, empregadas domésticas, trabalhadores do setor de serviços... Os fluxos populacionais emergem na agenda global como a face humana da mobilidade do capital no eixo de transformações econômicas, sociais, demográficas e políticas em andamento a partir da década de 1980.

A inclusão da categoria 'gênero' nos estudos migratórios trouxe contribuições valiosas para entender de que maneira o deslocamento entre fronteiras afeta mulheres e homens. Pesquisas que abordam mulheres migrantes datam desde o final da década de 1970 e início da de 1980 (QUIMINAL in HIRATA et. al., 2009); mas é a partir da década de 1990, sob a crescente influência do feminismo acadêmico, que é possível falar em 'migração e gênero' como um campo de pesquisa. Trata-se do conjunto de trabalhos voltados para a migração feminina e, mais especificamente, o impacto da migração nas 'relações sociais de sexo' (MOROKVASIC in FALQUET et. al., 2010, p.107).

A evidenciação da presença de mulheres nos circuitos de mobilidade internacional se reflete no surgimento da expressão 'feminização das migrações' no vocabulário de acadêmicos e *policy-makers*. Embora sugira erroneamente um aumento absoluto na proporção de mulheres migrantes em nível mundial<sup>3</sup>, o termo aponta mudanças nos padrões migratórios femininos ao dar visibilidade para mulheres que se deslocam de maneira autônoma, e não simplesmente acompanhando pais, maridos e filhos (MOROKVASIC, 2007; PIPER, 2005).

'Feminizar' os estudos sobre migrações, ainda, possui um sentido teórico-epistemológico que consiste no reconhecimento do gênero como um elemento 'organizador' dos processos migratórios. Os trabalhos, os circuitos, as redes que ligam a sociedade de origem e destino, os conflitos culturais e políticos vivenciados, e, sobretudo a experiência subjetiva da migração, mais que diferentes para homens e mulheres, se constituem sob o viés das relações de gênero. Ser mulher ou homem migrante representa não simplesmente uma variável, mas sim um fator fundante das relações

sociais que fomenta diferentes estratégias de inserção e mobilidade nos circuitos transnacionais (KOSMINSKY, 2007). Segundo Morokvasic:

Les processus migratoires, les expériences, les migrant(e)s, ainsi que les impacts sociaux et politiques des migrations, sont genrés. Le genre peut faciliter ou limiter la mobilité et l'installation, les rapports de genre qui précèdent la migration étant susceptibles d'affecter les départs, les flux et les rapports consécutifs à la migration (MOROKVASIC in FALQUET et. al., 2010, p.115).

Análises que interseccionam migração e demais categorias sociais (como gênero, classe e geração) permitiram a constatação de como o deslocamento afeta estruturas sociais de poder. Por um lado, o *status* legal precário e condições abusivas de trabalho podem expor os indivíduos a novas circunstâncias de vulnerabilidade ou reforçar formas de dependência e estigmatização. Paradoxalmente, a migração pode representar o empoderamento (*'empowerment'*) de homens e mulheres através da possibilidade de conquista de independência financeira, capital social e melhoria das condições de vida. Em outras palavras, o deslocamento pode criar condições para novas formas de inserção familiar, econômica, política e social; desafiando normas estabelecidas através da vivência em uma sociedade com valores diversos (DeBIAGGI, 2003; FALQUET et. al., 2010; MOROKVASIC, 2007; PIPER, 2005).

## A Migração Brasileira para o Japão

A inserção de mão de obra migrante no Japão está profundamente enraizada em um contexto de crise econômica mundial e mercado de trabalho sexualmente segregado (YAMANAKA e PIPER, 2004). Com o elevado crescimento econômico da década de 1980, o mercado de trabalho japonês enfrentava desafios para suprir a enorme demanda por mão de obra para pequenas e médias indústrias, concomitante com a diminuição da população jovem, falta de interesse pelo trabalho não-qualificado, e dificuldades em absorver mulheres em idade produtiva para o mercado de trabalho (KAWAMURA, 2003). O país passou a ser um polo de atração para migrantes de países asiáticos subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, como é o caso da China, Indonésia, Taiwan, Filipinas, Irã, Bangladesh, entre outros (DOUGLASS e ROBERTS, 2000).

A perspectiva de melhor remuneração também

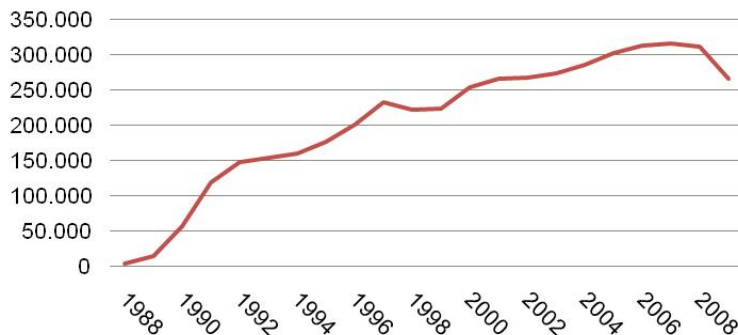
## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

atraiu um contingente considerável de *nikkeis*<sup>4</sup> brasileiros, argentinos e peruanos para o Japão em busca de trabalho. O fluxo teve seu auge a partir da reforma da Lei do Controle da Imigração em junho de 1990, que ao adotar o critério de ascendência japonesa para a entrada de trabalhadores no país, concedeu condições privilegiadas<sup>5</sup> para a permanência de *nikkeis* sul-americanos em detrimento dos demais grupos estrangeiros (KAWAMURA, 2003). Enquanto os trabalhadores asiáticos passaram a ocupar principalmente o trabalho em pequenas fábricas e setor de construção na Grande Tóquio, a maior parte dos brasileiros foi recrutada em fábricas maiores de automóveis ou eletro-eletrônicos, tomando a posição de migrantes internos sazonais – o que significa uma mão de obra flexível e geograficamente dispersa (HIGUCHI, 2006).

A associação com o trabalho temporário não-qualificado popularizou o termo *dekassegui*<sup>6</sup> para se referir a estes migrantes, cuja conotação pejorativa corresponde, segundo Sasaki (1998), à condição de “clandestinos 'morais'” em contraposição ao *status* legal do qual gozam no Japão. A realização do Simpósio Sobre o Fenômeno Chamado *Dekassegui*<sup>7</sup> em novembro de 1991, organizado pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyo), marca o início de um processo de reinterpretação dessa imagem<sup>8</sup>. Na literatura sobre o processo migratório em questão, a expressão 'fenômeno *dekassegui*', embora ainda utilizada, foi progressivamente substituída pela ideia de 'movimento *dekassegui*'. Embora 'movimento' também esteja se referindo à formação de comunidades brasileiras e à crescente politização de suas demandas no final da década de 1990, considero que a terminologia valoriza o protagonismo e a *agency*<sup>9</sup>, ou 'capacidade de fazer', desses migrantes (NAKAMOTO, 2008). Neste texto opto por não utilizar o termo *dekassegui*, dada sua polissemia (significados e usos distintos na cultura japonesa do início do século XX, na cultura dos imigrantes japoneses do Brasil, e atualmente entre a população brasileira no Japão, suas associações, e nas próprias associações nipo-brasileiras no Brasil) e o caráter 'nativo' de sua aplicação.

Dos dois lados do globo, o crescimento desta migração ganhou ampla visibilidade. Nas estatísticas do Ministério das Relações Exteriores (2008)<sup>10</sup> o Japão aparece como o terceiro maior destino de brasileiros para o exterior (310 mil<sup>11</sup>), sendo precedido pelos Estados Unidos (1 milhão e 240 mil) e Paraguai (487,5 mil). No Japão, a população brasileira se tornou o terceiro maior grupo de estrangeiros, perdendo apenas para os chineses e coreanos (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, 2007). O gráfico, a seguir, demonstra um crescimento positivo da população brasileira até 2008,

### População brasileira no Japão 1988 a 2009



Fonte: Ministério da Justiça, 2007; 2009

com exceção do ano de 1998.

Os fluxos de entrada e saída no território japonês, de maneira geral, têm acompanhado as oscilações econômicas e mudanças do mercado de trabalho japonês desde o final da década de 1990, que têm atingido principalmente os setores que mais empregam brasileiros no país. Nos últimos anos, particularmente, a população brasileira no Japão tem sofrido os efeitos do fim do ciclo virtuoso da economia japonesa característico dos anos 80. A falta de vagas nas indústrias, a concorrência com trabalhadores asiáticos (que recebem salários proporcionalmente menores) e o fechamento de muitas linhas de produção gerou uma verdadeira crise de empregabilidade entre os trabalhadores brasileiros. Mesmo assim, a população brasileira continuou a crescer em números absolutos mesmo durante a recessão, ainda que em menores proporções<sup>12</sup>.

O retorno desses migrantes tornou-se evidente a partir do segundo semestre de 2008, em particular graças ao destaque dado pela mídia à crise econômica mundial<sup>13</sup> e seus efeitos sobre a população brasileira no país. Demissões em massa, diminuição das horas extras e remuneração, e o crescente número de brasileiros vivendo como *homeless* ou dependentes do seguro-desemprego apontam para um processo agudo de instabilidade e precarização nas condições de vida dessa população<sup>14</sup>.

Dados divulgados no início de junho de 2010 pelo Ministério da Justiça do Japão apontam que entre o final de 2008 e 2009, a população brasileira diminuiu de 312 mil para 267 mil – uma queda de 14,4% em um ano. Em 2009, diversos trabalhadores brasileiros aceitaram ajuda do governo japonês (cerca de 3 mil dólares, e adicional de 2 mil por dependente) para retornar ao Brasil, sob a condição de não voltarem ao Japão por um período de 3 anos. A medida tem sido

## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

vista com cautela, uma vez que tramita no Parlamento uma proposta de suspender o visto especial para *nikkeis*, ou mantê-lo apenas para indivíduos proficientes em língua japonesa.

### Migração Brasileira e Trabalho Feminino

Durante os 20 anos de migração, a literatura sobre o tema se proliferou de maneira substancial tanto no Brasil como no Japão, e de maneira mais isolada nos Estados Unidos, Austrália, entre outros países. Através de um mapeamento do campo é possível identificar a proeminência de certos temas:

a) anos 90 – as condições de trabalho e exploração das empreiteiras no Japão (KAWAMURA, 2003; SIMPÓSIO, 1992);

b) fim da década de 1990 e início dos anos 2000 – questões identitárias vivenciadas pela situação ambígua de serem considerados japoneses no Brasil e brasileiros no Japão (SASAKI, 1998, 2001; TSUDA, 1998, 2000)

c) pós-2000 – consequências da mudança geracional e a questão educacional dos filhos de brasileiros no Japão (NAKAGAWA, 2008).

Estudos que tratam da perspectiva de gênero de maneira central, por sua vez, são escassos. Destaco os trabalhos de Yumi Garcia dos Santos (Universidade de São Paulo/ Paris 8), que pesquisou casamentos e divórcios entre migrantes brasileiros (2008), e os artigos de Lucia Yamamoto (Universidade de Tohoku, Japão) sobre trabalhadoras brasileiras no setor educacional (2006) e estratégias familiares de migrantes brasileiros no Japão (2008). A maior parte dos estudos, por sua vez, trata as migrantes brasileiras no Japão de maneira descritiva, na elaboração de perfis populacionais e ocupacionais, sem que se trate da especificidade que a condição de gênero coloca nas situações de busca de emprego, adaptação às rotinas de trabalho e na esfera reprodutiva. Se os temas relevantes no campo de pesquisa revelam as inquietações políticas em relação ao grupo ao qual se refere, resta pensar: qual o lugar das questões de gênero nos conflitos e dificuldades enfrentados pela população brasileira no Japão? Não há desigualdades? Violência? Demandas?

Este quadro, contrasta com a vasta quantidade de estudos sobre migrações de mulheres asiáticas, para o Japão e outros países. Cabe citar os trabalhos de Rhacel Parreñas (in EHRENREICH e HOCHSCHILD, 2004) e Liane Mozère (in FALQUET, 2010) sobre a migração de mulheres filipinas; ou, se tratando das brasileiras, pesquisas sobre a inserção sócio espacial de

mulheres na região da tríplice fronteira entre Brasil, Bolívia e Paraguai (OLIVEIRA, 2006), empregadas domésticas nos Estados Unidos (ASSIS, 2007) e trabalhadoras do sexo na Europa (PISCITELLI, 2004).

Embora esses trabalhos mereçam uma análise mais minuciosa, gostaria de, no momento, apenas destacar a transversalidade da temática do *care*, do trabalho doméstico e do trabalho sexual nestas pesquisas. De certa forma, estes temas configuram um núcleo de interesses bem definido no campo de estudos de 'migração e gênero', que buscam evidenciar a lógica sexuada dos percursos migratórios e como a esfera reprodutiva (trabalho doméstico, cuidados dos filhos) penetra os fatos econômicos, tanto no que se refere ao tipo de trabalho exercido pelas mulheres migrantes de países do Sul, como na origem da demanda por este tipo de trabalho, que está na reconfiguração das relações de gênero nos países do Norte<sup>15</sup>. Possivelmente, o fato das brasileiras se inserirem no mesmo nicho profissional que homens brasileiros e asiáticos, ao contrário das asiáticas que ocupam vagas em setores predominantemente 'femininos' (FALQUET *et. al.*, 2010; PIPER, 2005), as questões de gênero enfrentadas pelas brasileiras no mercado profissional sejam menos evidentes.

Cabe apresentar alguns dados. No Japão, as principais ocupações das mulheres migrantes no país estão relacionadas ao trabalho não-qualificado na indústria (eletroeletrônica, automobilística, alimentícia) e setor de entretenimento, como hostes em casas noturnas. Dados relativos ao ano 2000 indicam que, dentre os estrangeiros legais, 40 mil mulheres foram registradas como *entertainers* (84,1% do total), e 120 mil trabalhavam em fábricas (45,1%). 106 mil tinham ocupação desconhecida (que inclui o trabalho sexual), especialmente *overstayers* da Coreia, Filipinas, China e outros países asiáticos (47,3%). As brasileiras, corresponderam a 44,9% das mulheres migrantes em 2005, sendo que cerca de 83,6% delas trabalhavam como operárias em indústria e apenas 0,57% em setores especializados como a saúde, educação, área jurídica, entre outros (YAMAMOTO, 2006; YAMANAKA e PIPER, 2004). Cabe lembrar que, até 2008 apenas as brasileiras possuíam condições favoráveis para a permanência e trabalho registrado no país; o que explica a inserção mais significativa das asiáticas em estatísticas mais obscuras e ocupações que, muitas vezes, transitam entre o legal e o ilegal.

No caso japonês, a inserção socioeconômica dos migrantes no mercado formal está profundamente enraizada ao significado do trabalho feminino. A rígida cultura corporativa japonesa, falta de perspectiva de carreira, discriminação e assédio no ambiente de



## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

trabalho, baixos salários e a falta de equipamentos coletivos que permitam a conciliação entre trabalho produtivo e cuidado dos filhos (como creches e restaurantes escolares) tem contribuído para manter as mulheres japonesas fora do mercado de trabalho. Não menos importantes são as expectativas culturais de que as mulheres devem, após casar, se dedicar integralmente ao cuidado do marido e dos filhos<sup>16</sup>. Hirata e Kergoat (2007) argumentam que atividades comunitárias e culturais como a especialização em cerimônia do chá e arranjo de flores, oferecem incentivos para donas de casa e um senso de carreira. Medidas como a Lei de Igualdade e Oportunidade de Empregos para Homens e Mulheres (1986) conseguiram elevar a participação feminina em trabalhos não-qualificados, mas tiveram pouco sucesso em cargos gerenciais em companhias e no Governo.

Uma vez que as condições adversas para a permanência das mulheres japonesas no mercado de trabalho têm funcionado como mecanismo desinibidor da demanda pela força de trabalho feminino migrante (YAMAMOTO *apud* DOUGLASS, 2006), cabe perguntar quais as consequências das dificuldades impostas ao trabalho feminino em tempo integral para as mulheres estrangeiras, em particular as brasileiras. Falar de brasileiros, no masculino, com neutralidade, esconde as especificidades da condição feminina nesse mercado de trabalho adverso.

### Migração Pendular X Retorno

Ao mesmo tempo em que o gênero constitui um aspecto sub-analisado no campo, a emergência do retorno ao Brasil como uma pauta relevante, a partir de 2008, também revela um segundo aspecto tratado de maneira periférica: o lado brasileiro da migração. As facilidades burocráticas para entrar e sair do Japão através da concessão do visto permanente, as redes sociais que mantêm a ligação entre a origem e o destino, e a existência de uma comunidade brasileira capaz de oferecer um ambiente familiar em termos de idioma e serviços, manteve um alto índice de migração recorrente entre os brasileiros (SASAKI, 2001).

Embora os estudos sobre o tema reconheçam a 'circularidade' como uma especificidade da migração brasileira para o Japão, não há estudos sistemáticos sobre o que acontece com esses indivíduos quando retornam, ainda que esporadicamente, ao Brasil. Reconhecendo a emigração e imigração como aspectos indissociáveis de um mesmo processo (SAYAD, 1998), estudar o 'lado brasileiro' da migração permite compreender de maneira mais consistente o modo de vida e as estratégias de mobilidade e inserção econômica e social desses indivíduos.

Entrevistas realizadas entre 2008 (NAKAMOTO, 2008) e 2010 demonstram que esta circularidade constitui uma combinação entre mecanismos que facilitam a entrada e a saída no país (legislação japonesa e a tecnologia de transporte e comunicações) e diversas tentativas de gerenciar processos de marginalização<sup>17</sup> tanto no Japão como no Brasil, que compreendem as consequências materiais e subjetivas da migração para os indivíduos e o coletivo ao qual se referem.

No Japão, a grande maioria dos brasileiros está inserida no mercado de trabalho sob o paradigma do trabalho temporário, modelo típico de contratação de estrangeiros no país. A maior flexibilidade de utilização da mão de obra não-qualificada possibilita a exploração do trabalhador através de longas jornadas de trabalho e privação de direitos trabalhistas (KAWAMURA, 2003). Embora agências de orientação e a mídia especializada em brasileiros estejam engajadas na informação e conscientização dos direitos e deveres da população nipo-brasileiras, o medo do desemprego abre brechas para que muitos *nikkeis* aceitem condições adversas (ou mesmo ilegais) de trabalho e abram mão de seus direitos<sup>17</sup>. Em alguns casos, a privação de direitos está associada a estratégias deliberadas de migrantes temporários para diminuir o custo de vida e economizar para o envio de remessas<sup>18</sup>. Nas duas situações, mesmo com salários comparativamente maiores que no Brasil, o regime de trabalho intenso e repetitivo pode acarretar desgaste e adoecimento físico, mental e emocional.

No Brasil, as consequências profissionais e pessoais do período de ausência do país colocam em questão quais as condições de readaptação e reinserção socioeconômica desses indivíduos quando retornam. A própria ideia de 'retorno' é questionável, na medida em que ele não pode existir em si mesmo como uma possibilidade concreta: o deslocamento se opera não apenas no espaço físico, mas também no espaço social ou 'estado de coisas' que foi deixado para trás (SAYAD, 1998). A possibilidade de retorno ao espaço original mantém-se justificada a partir da crença de que a decisão de imigrar pode ser 'puramente individual e pontual, localizada num espaço e tempo manipulável racionalmente' (FAZITO, 2005).

A mudança no 'estado de coisas', constatada na chegada ao país de origem, pode ser manifesta nos rearranjos familiares (falecimentos, divórcios, casamentos, filhos crescidos), na dinâmica do mercado de trabalho (desatualização profissional, desaparecimento de postos de trabalho) e na vida cotidiana. O próprio migrante também já não é o mesmo, trazendo marcas físicas e emocionais de sua experiência no exterior. Assim, a estadia no Brasil

## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

corresponde a um período de descanso do tempo de trabalho no Japão em que os indivíduos ponderam as possibilidades de viver em um lugar ou outro. O retorno não significa necessariamente uma ruptura definitiva com o ciclo migratório, sendo que a possibilidade de reincidência se coloca no horizonte de trajetórias possíveis para os brasileiros que se engajaram nesse movimento (NAKAMOTO, 2008). Sendo assim, a volta ao Brasil se caracteriza mais como uma 'situação de retorno', ou seja, uma estadia com potencialidades de ficar ou partir novamente.

A 'circularidade' em si é vista como um fator agravante das adversidades enfrentadas por esta população, podendo estar associada a novas formas de marginalização, como é o caso da escolarização entre os filhos de migrantes brasileiros. As constantes mudanças para diferentes cidades e/ou de um país a outro, acompanhando os pais, acarreta na progressiva defasagem linguística e de aprendizado. Em vez de produzir indivíduos bilíngues, os períodos descontínuos de escolarização e vivência em ambos os países fazem com que não dominem de fato nem o japonês, nem o português. O semianalfabetismo, *bulling* e isolamento são considerados efeitos desse processo e responsáveis pela instabilidade emocional e estresse diagnosticados em um grande número de casos (NAKAGAWA, 2008).

'Criar raízes' constitui um argumento contínuo entre entidades de atendimento a migrantes brasileiros (prospectivos ou retornados)<sup>19</sup> para reverter a 'perda' de *status* entre os nipo-brasileiros em função do declínio da escolaridade<sup>20</sup> e exercício de trabalho não-qualificado como operários em indústrias. É possível verificar a persistência de um discurso<sup>21</sup> contrário à migração espontânea, enfatizando a necessidade de planejar a estadia no Japão em termos de projetos econômicos: juntar dinheiro e voltar ao Brasil, ou permanecer no Japão e criar condições para o sucesso financeiro pessoal.

### Perspectivas para uma Análise de Gênero do Circuito Migratório Brasil - Japão

A situação de retorno oferece uma oportunidade analítica conveniente para se pensar às questões de gênero na migração brasileira para o Japão. Uma vez que a estadia no Brasil (permanente ou temporária) constitui um período de balanço, é possível captar a continuidade das trajetórias dos indivíduos antes e depois da ida (ou 'idas') ao Japão, bem como as maneiras como a experiência, as motivações e as contingências são significadas.

### Família, Casamento e Maternidade

Yamamoto (2008) oferece uma pista ao trabalhar as 'estratégias familiares' como categoria-chave para entender a circularidade entre os migrantes brasileiros no Japão. A pesquisadora considera que, ao nos indagarmos sobre quem é o 'sujeito' da migração (ou 'autor' da migração como estratégia), as famílias são a referência principal que orienta a trajetória dos indivíduos específicos. No caso da estrutura familiar dos descendentes de japoneses no Brasil, os papéis dos homens e mulheres bem definidos em termos de gênero e geração surgem em alguns relatos como um referencial importante. Segue o depoimento de Mariana:

*Eu fui para o Japão com 17 anos, antes de terminar o colegial (...) Eu e as minhas irmãs juntávamos o que podíamos e a cada dois meses a Meire [irmã mais velha] mandava para meus pais. Primeiro economizamos para comprar a casa. Depois um carro adaptado, porque meu pai tem problema de saúde. Depois para ajudar minha mãe a ter coisas novas na cozinha. (...) Meu pai falava o que precisava, agente mandava e ele administrava tudo. (...) Eu só trabalhei e não aproveitei muito. (...) O R. [irmão mais novo] foi depois (...). Ele só viajava, conheceu o Japão inteiro. (...) Fez muito bem. (...) Não guardou nada, só voltou [para o Brasil] com um monte de roupas.*

A submissão ao projeto familiar é um aspecto marcante na solidariedade intergeracional entre descendentes de japoneses no Brasil (ROSSINI, 2005). O depoimento de Mariana demonstra como em seu caso e no de suas irmãs, o cuidado com os pais foi um elemento central na maneira como se comportavam em relação ao trabalho e ao salário que recebiam; ao contrário do irmão, que adotou um comportamento mais individualista. O importante, aqui, não é considerar se 'de fato' os acontecimentos se desenrolaram como Mariana compartilhou, ou o quanto sua fala pode estar pautada por afetos ou ressentimentos de sua relação com seus pais, com as irmãs e o irmão, ou mesmo com o Japão. Mas na medida em que a solidariedade intergeracional surge como um 'tema' de sua fala – e de outros – considero que a questão faz parte da maneira como a experiência migratória é significada. Ainda que a norma familiar seja transgredida, o fato do comportamento ser interpretado 'em relação ao' projeto familiar sugere,

## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

mais uma vez, seu peso nas decisões.

O depoimento de Koichi<sup>22</sup> permite constatar como gênero e a geração (ordem de nascimento) aparecem como categorias relevantes para compreender a distribuição de papéis e atribuições no âmbito da solidariedade intra familiar:

*Eu queria economizar para estudar, era meu sonho (...) Voltei [para o Brasil] depois de 3 meses porque meu pai morreu. Eu era chonan [o filho mais velho] e não tive dúvida que minha obrigação era tomar o lugar do meu pai, e virei agricultor.*

O depoimento de Maria<sup>23</sup> traz elementos semelhantes:

*Estou sem trabalhar porque fiquei 2 anos ajudando minha filha a se adaptar de novo no Brasil... Ela foi com 8 anos, não sabia nada daqui, tinha medo. Agora acho que está tudo bem.*

Embora o caso de Maria não possa ser generalizado para todas as mulheres, ele é exemplar para se pensar como a postura das mulheres em relação ao mercado de trabalho está associada à maternidade e ao trabalho reprodutivo.

Carla demonstra como, muitas vezes, o projeto familiar e masculino compromete o status ocupacional e educacional das mulheres:

*Eu sou mestre em engenharia de alimentos pela Unicamp. Fui para o Japão para fazer um estágio na minha área (...) Meu marido queria abrir uma empresa e me chamou para trabalhar com ele na fábrica, para economizarmos mais. Eu larguei o estágio e fui trabalhar de peão.*

A queda no status ocupacional em nome do projeto do marido teve consequências em seu retorno ao Brasil, 15 anos depois. Apesar da titulação, pela falta de experiência vê poucas perspectivas de se inserir na área de formação, sendo que optou por procurar trabalho como assistente em rotinas administrativas. Atualmente é separada – ela e o marido se divorciaram após um ano de trabalho na mesma fábrica.

Os dados empíricos apontam que a migração pode significar a reprodução ou ruptura com as hierarquias geracionais e de gênero prescritas. Ainda, apesar do contexto de crise de empregabilidade no Japão, o retorno ao Brasil é tratado dentro de outro conjunto de questões como a necessidade de manter a família

unida, o cuidado de pais senis, ou mesmo uma necessidade íntima de estar no 'seu lugar'. A falta de emprego coloca uma oportunidade para atender a outras demandas, de ordem reprodutiva, e não produtiva.

### O trabalho no Brasil

Se homens e mulheres, de maneira geral, ocupavam proporcionalmente os mesmos nichos profissionais, o que acontece no Brasil? Ainda não há estatísticas registradas sobre o perfil ocupacional de migrantes brasileiros e brasileiras retornados, ou se há maior incidência de desemprego no caso de homens ou mulheres. Através de alguns depoimentos, ainda que de maneira não representativa, gostaria de demonstrar como questões de gênero podem emergem neste processo.

Após retornar ao Brasil, Mariana afirmou que trabalhava na feira, através do contato de um parente, ao mesmo tempo em que ajudava a mãe em um pequeno empreendimento familiar, de venda de salgadinhos e verduras cortadas, cuja rede de clientes era composta por parentes e vizinhos, e outros clientes indicados pelos primeiros. Ana também trabalha na feira, mas faz cursos de manicure e pedicure para, possivelmente, trabalhar como esteticista no Japão.

O depoimento de Mariana parece se inserir em uma tendência mais ampla apontado por Guimarães (2009) que mostram que as redes sociais informais (pessoais) constituem o mecanismo mais acionado na busca por trabalho entre desempregados na Grande São Paulo, considerado mais eficiente que os meios institucionais como agências de emprego. A articulação entre ofertantes e demandantes de trabalho é subproduto não apenas de mecanismos mercantis, mas também de relações sociais que atuam como instrumento de busca e obtenção de formas de geração de renda, além de mediar o próprio significado do trabalho ou da inatividade econômica. No caso dos migrantes retornados, a existência de uma rede de suporte familiar e o surgimento de diversas organizações que prestam serviços de recolocação profissional a este grupo específico revela a existência de redes que podem configurar as formas de reinserção destes indivíduos no Brasil.

É interessante como os próprios mecanismos institucionais parecem funcionar também com base nessas redes, na medida em que os voluntários interessados em ajudar brasileiros retornados utilizam suas próprias redes para localizar empregadores (como parece ser o caso do Instituto de Promoção Humana Grupo Nikkei).

## Considerações finais

Embora seja evidente a potencialidade do gênero como categoria analítica para os estudos migratórios, os estudos sobre a migração brasileira para o Japão ainda não acompanharam esta tendência. Neste artigo, procurei apontar para possibilidades analíticas que tem sido apontadas pelo trabalho de campo. Os dados, por sua vez, demonstram suficientemente que a migração brasileira para o Japão e a situação de retorno são *engendered*, ou seja, fenômenos enviesados do ponto de vista das relações sociais entre os sexos. Mais do que pensar sobre como as trajetórias de mulheres e homens são similares ou diferenciadas, o gênero atua como elemento 'organizador chave' que traz visibilidade para questões como a dimensão econômica da esfera reprodutiva, a maneira como a escolha de determinadas atividades econômicas é culturalmente orientada, e como as relações familiares, intergeracionais e intracomunitárias se relacionam com a atividade econômica produtiva e refletem nas diferentes estratégias de reinserção socioeconômica no Brasil.

---

<sup>1</sup> O conteúdo deste artigo foi apresentado no 'Seminário Internacional Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos', realizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) entre os dias 23 e 26 de agosto de 2010. A pesquisa faz parte do projeto de mestrado em andamento: 'De volta para casa: reinserção socioeconômica de brasileiras e brasileiros retornados do Japão' (título provisório), pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, com o apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Eva Alterman Blay.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://www.un.org/esa/analysis/wess/>>

<sup>3</sup> Em 1960, as mulheres correspondiam a 47% das migrações internacionais. Em quatro décadas a proporção cresceu apenas dois pontos percentuais, chegando ao início do século XXI a 49%. Em certas redes migratórias, por sua vez, o fluxo de mulheres foi intensificado de maneira mais significativa, como é o caso da Indonésia, Filipinas e Sri Lanka (YAMANAKA & PIPER, 2004).

<sup>4</sup> Termo designado para os descendentes de

japoneses nascidos fora do Japão.

<sup>5</sup> Algumas pesquisas interpretam a mudança da lei como uma tentativa deliberada de suprir a demanda por mão de obra não-qualificada com migrantes *nikkeis* sul-americanos tendo em vista sua suposta adequação à cultura e disciplina de trabalho japonesa (KAWAMURA, 2003; TSUDA, 1998). Higuchi (2006), por sua vez, argumenta que a lei constituiu uma resposta à revisão do status da terceira geração de coreanos residentes no Japão e dos *nikkeis* nascidos no nordeste da China (Manchúria) no contexto da presença militar japonesa até o final da Segunda Guerra Mundial. Os brasileiros, argumenta, sequer foram mencionados nas extensas discussões realizadas no Parlamento. De qualquer forma, *nikkeis* e seus cônjuges de outras partes do mundo puderam se beneficiar da criação do estatuto de '*long-term residents*', que facilitou a renovação do visto de permanência. O número de brasileiros com visto permanente aumentou de 52,581 portadores em 2004 para 94,358 em 2007, correspondendo a 30% dos brasileiros no Japão. O visto facilitou a vida daqueles que decidiram permanecer no Japão por ser considerado sinônimo de estabilidade para a celebração de contratos, além de facilitar o acesso a crédito para adquirir imóveis e outros bens (SASAKI, 2001). Cabe lembrar que a mudança não legalizou a situação dos migrantes asiáticos overstayers e indocumentados (HIGUCHI, 2006; DOUGLASS & ROBERTS, 2000).

<sup>6</sup> *Dekassegui* (出稼ぎ) é um termo japonês utilizado para se referir ao trabalho temporário, designando o ato de sair de casa para trabalhar em outro local. Originalmente remetia aos japoneses de Hokkaido (extremo norte do Japão), que se deslocavam para o sul em busca de trabalho durante os invernos rigorosos (SASAKI, 1998).

<sup>7</sup> Com o objetivo de formular uma 'noção correta da realidade do *dekassegui*', o fórum reuniu especialistas e autoridades de ambos os países para discutir os problemas que os brasileiros enfrentavam no Japão. As principais denúncias apresentadas referiam-se a empreiteiras inescrupulosas: cobrança indevida de equipamentos na moradia, descontos injustos no pagamento, demissões repentinas e omissão em caso de acidentes de trabalho (KAWAMURA, 2003; SIMPÓSIO, 1992). A partir das propostas apresentadas pelo Simpósio, a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa organizou um Centro de Informação, Orientação e Assistência aos *Dekassegui* que, mais tarde, se tornaria o Centro de



## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

Atendimento e Apoio ao Trabalhador Estrangeiro (CIATE): sociedade civil sem fins lucrativos que presta serviços de informação e orientação gratuita aos *nikkeis* e brasileiros que desejam ir ao Japão para trabalhar. Vários comitês e associações de apoio aos direitos trabalhistas dos *nikkeis* sul-americanos surgiram no Japão para prestar serviços similares (KAWAMURA, 2003).

<sup>8</sup> Valorizar a oportunidade de conhecer a terra dos antepassados, o trabalho árduo e enfatizar a dimensão 'temporária' do movimento foram estratégias adotadas no sentido de promover uma melhor imagem do migrante *nikkei* no Japão: “Seria desejável que o fenômeno *dekassegui*, que diz respeito à sociedade brasileira como um todo, não estivesse a ocorrer. Trata-se, porém, de movimento incontrolável de compatriotas no legítimo exercício do seu direito de locomoção em busca de felicidade pessoal e familiar, gerado pelas conjunturas socioeconômicas que o País está a atravessar” (SOCIEDADE BRASILEIRA DE CULTURA JAPONESA, 1991, p.245-246).

<sup>9</sup> A *agency*, no sentido empregado por Giddens, é entendida como a capacidade de realizar ações. A ênfase não está na intenção ou finalidade expressa, mas sim no fluxo da atividade intencional, ou capacidade de intervir em uma cadeia de acontecimentos. A opção pelo uso deste conceito foi inspirada pelo texto “Entre a Praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina” (2004), de Adriana Piscitelli.

<sup>10</sup> O relatório “Brasileiros no Mundo” (2008) é baseado em consultas feitas no final de 2007 a embaixadas e consulados sobre os números mínimos e máximos de brasileiros no exterior segundo dados oficiais locais, pesquisas acadêmicas, publicações da mídia, movimento consular e estimativa dos postos. Neste texto, considero os valores referentes às estimativas dos postos, os seja, as projeções feitas pelas embaixadas e consulados do Brasil com base em dados relativos à prestação de serviços consulares.

<sup>11</sup> Ou 316 mil, segundo dados do Ministério da Justiça do Japão (2007).

<sup>12</sup> Segundo entrevistas e contato com agências que trabalham com brasileiros no Japão como o CIATE (Centro de Atendimento e Apoio ao Trabalhador Estrangeiro), até 2008 a melhora da economia brasileira nos últimos anos pareceu não ter efeito sobre a população brasileira no Japão, no sentido de atraí-la de volta para o país (NAKAMOTO, 2008).

<sup>13</sup> O desempenho da economia japonesa está fortemente atrelado ao comércio exterior. O abalo financeiro nos Estados Unidos e Europa com a quebra do Lehman Brothers não havia afetado diretamente o Japão até o segundo semestre de 2008. A valorização do iene, em função da baixa taxa de juros, encareceu os produtos japoneses no mercado internacional, comprometendo as exportações já afetadas pela desaceleração da economia mundial. A rápida queda no comércio exterior fez com que a balança comercial saísse de um superávit de US\$ 775,3 milhões para um déficit de US\$ 3,25 bilhões, provocando a retração do mercado doméstico e queda do consumo. O resultado desse cenário foi à involução do PIB em 12,7% no último trimestre de 2008, em relação ao mesmo período de 2007 (UEHARA, 2009).

<sup>14</sup> O retorno em massa para o Brasil tem sido apontado pela mídia brasileira como uma tendência preocupante, em função da provável incapacidade do mercado de trabalho em absorver este contingente. Cidades como Bastos, no interior de São Paulo, que sofreram perda populacional significativa com o movimento migratório de brasileiros para o Japão, apresentam a possibilidade de sofrer um impacto proporcionalmente maior com a chegada de seus expatriados.

<sup>15</sup> A distinção Norte-Sul, aqui, não é geográfica, mas se refere à distinção entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Trata-se de uma categorização amplamente empregada neste campo de pesquisa.

<sup>16</sup> Um dado interessante é que o Japão atual sofre um problema de crescimento vegetativo negativo; muitas mulheres optam por permanecer solteiras em nome de suas carreiras. Para se casar, homens japoneses, principalmente de comunidades agrícolas, importam mulheres asiáticas como esposas – inclusive com incentivo dos governos de ambos os países. Muitas destas mulheres são vítimas de violência por parte de seu marido e da família estendida. Sobre o caso das noivas filipinas, ver Yamanaka & Piper (2004).

<sup>17</sup> O CIATE e demais serviços de orientação a *dekasseguis* recomendam que a procura de trabalho seja feita através de agências públicas de emprego, que supostamente oferecem oportunidades com contratos mais confiáveis. Porém, a necessidade de certo manejo do idioma japonês, o tempo de espera para conseguir uma vaga e o tipo de emprego oferecido (em geral, com salários mais baixos) mantém as empreiteiras

## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

como a opção mais atrativa.

<sup>18</sup> Estas estratégias incluem: mudar continuamente de emprego ou de cidade em busca de melhores salários, morar em dormitórios coletivos, fazer grande quantidade de horas extras, opções baratas de alimentação, quase nenhum lazer, bem como o não-pagamento da Previdência e Seguro Social.

<sup>19</sup> Aqui me refiro ao CIATE e ao Instituto de Promoção Humana Grupo Nikkei (entidade sem fins lucrativos sediada em São Paulo voltada para a recolocação profissional de *nikkeis* retornados do Japão e desempregados em geral).

<sup>20</sup> Segundo pesquisa de Beltrão & Sugahara (2006), 73,3% dos brasileiros que migraram para o Japão concluíram o Ensino Fundamental ou Médio; 22,9% trabalhavam como operários no Brasil e 17,5% declararam estudar no Ensino Médio antes de migrar. Ou seja: o migrante médio é descendente de japoneses, com pouca escolaridade e emprego de baixa remuneração no Brasil.

<sup>21</sup> Essas falas possuem afinidades com conceitos desenvolvidos nas narrativas virtuosas sobre a imigração japonesa para o Brasil (NAKAMOTO, 2008). Sakurai (1993) identifica um enredo comum nas histórias dos primeiros imigrantes ao mencionar a disciplina, o trabalho árduo e as dificuldades suportadas com resignação como as ferramentas que permitiram ao imigrante japonês ser bem sucedido. A retomada destes elementos para propor a construção de uma trajetória de sucesso para as novas gerações passa por uma dimensão mnemônica, como uma 'memória transplantada' (BLAY, 2007), em que a comunidade nipo-brasileira 'redescobre' seus valores em um novo contexto migratório.

<sup>22</sup> Neste caso, ainda não foi colhido uma entrevista formal. Sua fala foi reproduzida de um workshop de reinserção profissional realizado em São Paulo em abril de 2010, cujo uso para esta pesquisa foi autorizado pelo depoente e pela instituição.

<sup>23</sup> Idem.

## Referências

ASSIS, Glaucia de Oliveira. "Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional". **Revista Estudos Feministas**, v.3, n. 15, p.645-772, set./dez. 2007.

BELTRÃO, Kaizo I.; SUGAHARA, Sonoe. "Permanentemente temporário: dekasseguis brasileiros no Japão". **Revista Brasileira de Estudos da População**, n.23, n.1, p.61-85, jan/jun 2006.

BLAY, Eva Alterman. "Gênero, resistência e identidade: imigrantes judeus no Brasil". 2007 (Manuscrito).

DeBIAGGI, Sylvia Dantas. "Famílias brasileiras em um novo contexto cultural". In: MARTES, Ana C. B.; FLEISCHER, S. (Org.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p.175-197.

DOUGLASS, Mike; ROBERTS, Glenda S. "Japan in a global age of migration". In: DOUGLASS, M.; ROBERTS, G.S. **Japan and the global migration: foreign workers and the advent of a multicultural society**. London/ New York: Routledge, 2000.

EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russell (eds.). **Global Woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy**. New York: Metropolitan Books, 2004

FALQUET, Jules; HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle; et. al. **Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail**. Paris: Presses de Sciences Po, 2010.

FAZITO, Dimitri. "Dois aspectos fundamentais do 'retorno': símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade". In: IV Encontro Nacional sobre Migrações, 2005, Rio de Janeiro. Anais do IV Encontro Nacional sobre Migrações, 2005. Disponível em: <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/4EncNacSobreMigracao/ST4-1.pdf>> acesso em 23 de setembro de 2010

GUIMARÃES, Nadya Araujo. **Desemprego: uma construção social**. São Paulo, Paris, Tóquio. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

HIGUCHI, Naoto. "Brazilian migration to Japan: trends, modalities and impact". In: EXPERT GROUP

## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

MEETING ON INTERNATIONAL MIGRATION AND DEVELOPMENT IN LATIN AMERICA AND THE CARIBBEAN, 2005, Anais... Mexico City, 2005, p.1-28.

HIRATA, H.; KERGOAT, D. “Novas configurações da divisão sexual do trabalho”. **Cadernos de Pesquisa**, v.37 n.132, p. 595-609, 2007.

KAWAMURA, Lili. **Para onde vão os brasileiros?** Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

KOSMINSKI, Ethel. “Por uma etnografia feminista das migrações internacionais: dos estudos de aculturação para os estudos de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 15 n.3, p.773-804, set./dez.2007.

MOROKVASIK, Mirjana. “Le genre est au coeur des migrations”. In: FALQUET, Jules; HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle; et. al. **Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail**. Paris: Presses de Sciences Po, 2010, p. 105-119.

MOROKVASIK, Mirjana. “Migration, Gender, Empowerment”. In: LENZ, Ilse; ULRICH, Charlotte; FERSCH, Barbara (Org.): **Gender Orders Unbound. Globalization, Restructuring and Reciprocity**. Opladen; Barbara Budrich Publishers, Farmington Hills, 2007, p. 69-97.

MINISTÉRIO da Justiça. **Touroku Gaikokujin Toukei no Gaiyou**, 2007.

MINISTÉRIO da Justiça. **Touroku Gaikokujin Toukei no Gaiyou**, 2009.

MINISTERIO das Relações Exteriores. **Brasileiros no Mundo**, 2008.

MOZÈRE, Liane. “La mondialization comme arène de ‘trouvailles accumulées’? Des domestiques philippines à Paris”. In: FALQUET, Jules; HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle; et. al. **Le sexe de la mondialisation: genre, classe, race et nouvelle division du travail**. Paris: Presses de Sciences Po, 2010, p. 151-164.

NAKAGAWA, Kyoko. “Impactos psicoculturais na vida escolar dos estudantes migrantes”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MIGRAÇÕES E IDENTIDADES: CONFLITOS E NOVOS HORIZONTES. Anais... São Paulo, Editora: USP-

Osaka, 2008. p.s/p.

NAKAMOTO, Ana Luisa Campanha. “A comunidade nipo-brasileira e o fenômeno de kassegui”. In: ISA/RC21 TOKYO CONFERENCE: Landscapes of Global Urbanism: Power, Marginality and Creativity, 17-21 dez. 2008, Tóquio. (Manuscrito).

OLIVEIRA, Márcia Maria de. “A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia”. **Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p.183-196, 2006.

ONU. Development Policies and Analysis Division. **World Economic and Social Survey**, 2004. Disponível em: <<http://www.un.org/esa/analysis/wess/>> Acesso em junho de 2010.

PARREÑAS, Rhacel Salazar. “The care crisis in Philippines: children and transnational families in the new global economy”. In: EHRENREICH, Barbara; HOCHSCHILD, Arlie Russell (Org.). **Global Woman: nannies, maids, and sex workers in the new economy**. New York: Metropolitan Books, 2004, p.39-54.

PIPER, Nicola. “Gender and migration: a paper prepared for the Policy Analysis and Research Programme of the Global Commission on International Migration”. **Global Commission on International Migration**, 2005. Disponível em <[http://migrantcare.hug-ge.ch/\\_library/pdf/femmes\\_TP10.pdf](http://migrantcare.hug-ge.ch/_library/pdf/femmes_TP10.pdf)> Acesso em maio de 2009.

PISCITELLI, Adriana. “Entre a praia de Iracema e a União Europeia: turismo sexual internacional e migração feminina”. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Org). **Sexualidade e Saberes: Convenções e Fronteiras**, Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

QUIMINAL, Catherine. “Migrações”. In: HIRATA, Helena (Org.) et. al. **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ROSSINI, Rosa Ester. “A memória congelada do imigrante: a solidariedade intergeracional dos japoneses e dos nikkeis no Brasil e no Japão atual”. **São Paulo em Perspectiva**, v.19. n.3 , p.34-43, jul/set. 2005.

SANTOS, Yumi Garcia dos. “Estrangeira, mãe e trabalhadora: a migração como fator de transformação

## Questões de Gênero e a Situação de Retorno de Brasileiras e Brasileiros do Japão: Algumas Considerações

dos papéis da mulher e o impacto sobre a família e a sociedade”. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL MIGRAÇÕES E IDENTIDADES: CONFLITOS E NOVOS HORIZONTES. 2008. Anais... São Paulo, 2008. p. s/p.

SAKURAI, Célia. **Romanceiro da imigração japonesa**. São Paulo: Sumaré/FAPESP, 1993.

SASAKI, Elisa Massae. “Dekasseguis: trabalhadores migrantes nipo-brasileiros no Japão”. **Textos Nepo**, n. 39. p s/p. 2001.

SASAKI, Elisa Massae. **O jogo da diferença: a experiência identitária no movimento *dekassegui***. 1998. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UNICAMP, Campinas – SP.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SIMPÓSIO sobre o Fenômeno Chamado Dekassegui. **Dekassegui: palestras e exposições sobre o Fenômeno chamado Dekassegui**. (Org). NINOMIYA, M.. São Paulo: Estação Liberdade: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.

TSUDA, Takeyuki. “The stigma of ethnic difference: the structure of prejudice and ‘discrimination’ toward Japan's new immigrant minority”. **Journal of Japanese Studies**, v.24 n. 2, p. 317-359, Summer 1998.

UEHARA, Alexandre R. “O retorno dos dekasseguis”. **Descubra Nikkey**, 8 de abril de 2009 . Disponível em <<http://www.discovernikkei.org/pt/journal/2009/4/8/dekasseguis/>>. Acesso em agosto de 2009.

YAMAMOTO, Lúcia. “Desqualificação profissional: nikkeis brasileiras no Japão”. **Revista do Departamento de Geografia**, n. 18, p- 16-27, 2006.

YAMAMOTO, Lúcia. “Famílias brasileiras no contexto transnacional: famílias reconstituídas”. **REMHU**, ano XVI, n. 30, s/p. 2008.

YAMANAKA, Keiko; PIPER, Nicola. “Feminized Migration in East and Southeast Asia: Policies, Actions and Empowerment”. **Unpublished Background Paper**, Geneva: UNRISD, 2004.

Recebido em 01 de outubro de 2010.  
Aceito em 20 de fevereiro de 2011.